

A HISTÓRIA DA LÍNGUA ITALIANA E SUA ESCOLHA DENTRE TANTAS POSSIBILIDADES

Andrea Cabral de Souza Gomes¹
Fabíola Pereira Rodrigues Figueira²
Luciana Nascimento de Almeida³

Todas as línguas têm as suas próprias histórias e evoluções particulares, porém, no caso da língua italiana, este percurso é de uma riqueza única. Ainda nos dias de hoje se utilizam línguas, as quais remontam a milhares de anos de história e, quando se trata da língua italiana atual, não é possível esquecer que sua evolução e escolha, de uma dentre tantas outras línguas existentes no território italiano, não foi um processo tão simples.

Para entender o processo de evolução da língua italiana, é preciso compreender a história do Império Romano.

O Império foi um Estado Militar e os romanos eram os guerreiros que obtiveram muitas vitórias. A dominação, que atingiu o seu ápice entre os séculos II a.c, começava da Península Ibérica até o mar Cáspio.

O latim era uma língua dividida em dois tipos: o clássico e o vulgar. O latim clássico era falado e escrito pelas pessoas cultas e praticamente não se modificou. Já o vulgar era usado e apenas falado pelo povo. Desse modo, foi a língua que mais sofreu variações.

Como as conquistas romanas dos territórios ocorreram em épocas diferentes, o latim que chegava até os povos não era o mesmo. Era essa língua falada pelos soldados com as várias representações do vulgar, as quais chegavam às terras conquistadas e se difundia.

Os povos conquistados possuíam suas próprias línguas e introduziam na nova língua latina os vocábulos de seus próprios idiomas, mesmo sendo obrigados a usar o latim como meio de comunicação e o transformando em língua oficial por toda extensão do vasto Império.

Com passar dos séculos, Roma começou perder a hegemonia política e diluiu-se chegando à queda do Império Romano. Assim, mais uma vez, a língua se decompôs e sofreu modificações com as invasões dos bárbaros. O empobrecimento da população e o isolamento do território conquistado foram fatores que contribuíram na transformação gradual do latim em latim vulgar, chegando aos dialetos de várias regiões, conhecidas atualmente como Itália.

No decorrer dos séculos XII e XIII, a literatura vulgar francesa teve grande influência na Itália. A língua *d'oc* (França Meridional) se difundiu principalmente no Norte da Itália e a língua *d'oïl* (França Setentrional), no restante do país. Por toda a Itália, houve várias tendências literárias. Na Úmbria, a região central do país, nascia uma poesia com novos ideais morais e religiosos com São Francisco de Assis (1182- 1226). O fundador da ordem dos franciscanos escreveu várias poesias ,mas somente chegou aos dias de hoje o *Cantico al Sole* ou *Cântico das Criaturas*.

Segundo Assor Rosa:

“Una vera e propria questione del ritardo della genesi della letteratura italiana ha occupato per molto tempo gli specialisti di questo periodo, anche perché da esso deduceva un po' troppo facilmente che,mentre in Francia, la

letteratura volgare era nata per una più intensa spinta dal basso-era nata più “popolare”, insomma, in Italia, invece avrebbero prevalso in tale genesi gli elementi colti, riflessi e secondo alcuni, anche un po’ artificiali”. (Storia della Letteratura italiana: 1998:10)⁴

Outro escritor que contribuiu muito para a língua vulgar foi Dante Alighieri (1265-1321), que escreveu sua mais importante obra, *Divina Commedia*, no dialeto *fiorentino*. Considerado o pai da língua italiana, foi o primeiro a escrever sobre a língua vulgar em seu livro *De Vulgari Eloquentia* - Da eloquência ao vulgar-. Apesar de tratar do uso do dialeto, a obra foi escrita em latim.

Nesse livro, Dante identificou 14 dialetos diferentes que existia em sua época. O intuito do escritor era escolher um vulgar como modelo de língua, representativo ao mesmo tempo da união entre a língua e a cultura em toda Itália. Alighieri com essa obra conseguiu que os escritores depois dele escrevessem em vulgar.

Dante Alighieri foi o primeiro a pensar sobre a questão da língua italiana e tornou o *Fiorentino* a base da língua nacional italiana. Dois fatores contribuíram para tal acontecimento: primeiro motivo que Florença detinha o prestígio sócio-político e econômico. Segundo, o dialeto *Fiorentino*, comparado a outros dialetos, era o mais próximo do latim.

Com o humanismo, no século XV, tem-se um retrocesso às obras em dialeto *fiorentino*. Depois da revolução lingüística, começada por Dante e seguida pelos seus contemporâneos Boccaccio e Petrarca, as escritas dos literatos retornaram ao latim culto. Por um século a questão da língua ficou adormecida e apenas no final do século XVI recomeçaram os estudos sobre uma língua nacional.

Nesse final de século XVI, a questão lingüística tornou-se um estudo fundamental. Surgiram três correntes que defendiam hipóteses diferentes para um modelo de língua.

A primeira corrente, cortesã, teve como defensores: Vincenzo Colli, Baldesar Castiglione e Gian Giorgio Trissino. Esses estudiosos eram à favor de uma língua toscana com outras variações italianas.

A segunda corrente, *fiorentina*, com Niccolò Maquiavel, sustentava a língua falada *fiorentina* da época como idioma nacional. A obra de maior importância de Maquiavel, nesse sentido, foi o *Dialogo intorno alla nostra lingua*.

A terceira corrente, arcaizante, era sustentada por Pietro Bembo, defensor da língua *fiorentina*, usada pelos literatos Francesco Petrarca, para poesia, e Giovanni Boccaccio, para prosa Bembo não citou Dante Alighieri, porque, segundo o estudioso, o escritor florentino usou de uma língua rústica ao escrever *Divina Commedia*. A obra representante dessa corrente foi *Prosa del volgare*.

Logo após a fundação da *Accademia della Crusca* 1582, os estudiosos filólogos criaram um dicionário baseado na língua dos literatos do *Trecento*. A língua de Alighieri, Petrarca e Boccaccio foi a base do dicionário normativo e histórico que foi impresso em 1612, em Veneza.

Durante o percurso dos séculos XVII e XVIII, a língua italiana foi considerada arcaica, pois era muito diferente da falada pela população. Essa postura conservadora foi muito debatida na

época do iluminismo e assim a língua italiana passou a adquirir influências de outras línguas européias. Tais influências contribuíram para aumentar a lexicografia italiana.

No século dezoito, na Itália, a prosa em florentino recebeu uma grande colaboração do escritor Alessandro Manzoni. O autor nasceu em Milão, em 1785, era filho do Conde Pietro e Giulia Beccaria e neto do escritor Cesare Beccaria. Desde a infância demonstrava o seu interesse pela poesia. Com a morte do padrasto mudou-se para Paris. Neste ambiente iluminista, o escritor desenvolveu-se e teve amizades importantes da época para sua formação de intelectual oitocentista.

Manzoni (1785-1873) foi um marco na prosa, uma vez que inovou com seu livro *I Promessi Sposi*, usando a linguagem falada pela população de Florença. O escritor milanês foi o primeiro que procurou unir a língua falada à língua escrita, buscando resolver o problema do ponto de vista social e político.

Esse aspecto pode ser comprovado através de seu romance, que sofreu três modificações. A primeira edição da obra prima do letrado foi publicada no ano de 1821 e tinha o nome de *Fermo e Lucia*, nela já havia uma inovação, que foi a de incluir palavras em francês com dialeto milanês. Na segunda edição do romance, entre os anos 1825-1827, o escritor procurou um preciosismo e utilizou o toscano-milanese, língua que conheceu por meio de livros. A última edição, revisada em 1840, insatisfeito com o resultado, o fez ir para Região da Toscana, onde buscou a utilizar uma nova língua *Risciarquare i panni in Arno*, ou seja, o escritor buscou conhecimento e empregou o dialeto falado de Florença e com o título original do romance então modificado, tornando-se *I Promessi Sposi, ou Os Noivos*, em português. O Romance é considerado um legítimo representante do Romantismo histórico italiano da região da Lombardia, a cena da prosa manzoniana passa entre 1628 e 1632, onde dois amantes vivem muito sofrimento e dolorosas aventuras de todas as espécies para tentar se casar. A obra tem um duplo valor, tanto na literatura, como na linguística.

O escritor Lombardo viveu na época do *Risorgimento* e, sendo um patriota com ideal de unidade italiana, tinha uma grande preocupação com a questão da língua, procurando nela uma unificação nacional unitária. O autor representava o próprio ambiente em que vivia, ou seja, o ambiente cultural milanês.

Segundo o escritor Asor Rosa:

Noi lo vediamo ,infatti,per un verso rappresentare in maniera esemplare i caratteri dominante del gruppo romantico lombardo,che abbiamo precedentemente descritti,per un'altro, dare ad essi la forma più compita e coerente,che ne rappresenta per ciò stesso un superamento verso livelli poetici e ideologici assai più alti di quelle comunemente diffusi” (La Storia della Letteratura Italiana pagina 474) ⁵

Alessandro Manzoni foi um grande romântico e colocou a questão da língua em discussão e contribuiu com várias propostas como, por exemplo, professores toscanos nas escolas e o uso do dicionário florentino, para difundir o idioma entre o povo.

O literato milanês encontrou oposição em relação às suas propostas de difundir a língua na península italiana, e com Grazia di Olsaia Ascoli, em um artigo para uma revista fundada por ele, publicou *Archivio Glottologico Italiano*. Nesse inciso, Ascoli citava a história linguística da

França, Alemanha e Inglaterra, como exemplos a serem seguidos. Mas a historiografia Italiana era diferente entre a língua dos escritores e a falada do povo, ou seja, fazendo referência ao dialeto de cada região.

Os estados começavam a constituir o novo país e possuíam suas próprias características, por conseguinte, eram diferentes, nas suas tradições, no seu desenvolvimento socioeconômico e na língua. Tais diferenças foram resultados de dominações, em que a península sofreu por anos sendo o único ponto em comum o modelo literário dos escritores.

O número de *italafonos* era baixíssimo, 2.5 % de uma população de 25 milhões, e este número estava concentrado na Toscana e Roma.

Com a unificação italiana, para melhorar a situação do analfabetismo no país, o ensino fundamental passou a ser obrigatório e gratuito, mesmo assim tinha uma grande evasão, devido à pobreza e miséria em que vivia a população.

As escolas do território italiano não possuíam o mesmo nível de ensinamento da língua, ou seja, não era homogêneo. As instituições da cidade eram melhores do que as do campo, e outro fator importante que influenciou muito era a corrente defendida por cada professor, podendo ser manzoniana, purista ou classista.

Para ocorrer uma unificação da língua, o rádio desempenhou um papel importante junto ao jornal. O rádio nasceu em 1924 e teve um papel importante no processo linguístico dopaís que era muito heterogêneo. Este veículo de massa veio a contribuir para uniformizar a língua.

No século XX, influenciados por jornais estrangeiros, os periódicos italianos passaram a utilizar uma nova linguagem jornalística, diferente da tradição literária, conseguindo atingir um número maior de público. Esta nova linguagem ajudou a ser um fenômeno de massa e, ao mesmo tempo, difundir a língua por todo o território italiano.

A televisão nasceu em 1954 e determinou uma mudança social no comportamento dos jovens e no relacionamento familiar. A televisão contribuiu no conhecimento da língua italiana nos últimos cinquenta anos.

Atualmente o italiano é língua oficial na Itália e San Marino e uma das línguas oficiais da Suíça. Além disso, é a segunda língua oficial do Vaticano e em algumas regiões da Istria, Eslovênia e Croácia é língua minoritária. Também é bastante falada em Córsega e Nice, antigas possessões italianas, além da Albânia.

REFERÊNCIAS

ASOR ROSA, Alberto. *Storia della Letteratura Italiana*. Firenze: Editrice: La Nuova, Itália, 1985.

DEVOTO, GIACOMO e GIACOMELLI, GABRIELA. *I dialetti delle regioni d'Italia*. 1ª edizione. Sansoni Editore : S.P.A- Firenze, 1994

DE MAURO, Tulio. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Editori Laterza. 1ª edizione 1983

DARDANO, TRIFONE E TRIFONE, Pietro. *La lingua Italiana* 1ª edizione. Nicola Zanichelli S.p.A., Bologna.

MARAZZINI ,Claudio.*La lingua Italiana- Profilo Storico*. 2º edizione.Bologna: Mulina,1994

LO ZINGARELLI. *Vocabolario della Lingua Italiana*. 12ª ed. / Org. Miro Dogliotti e Luigi Rosiello. Bolonha: Zanichelli, 1999

LANUZZA , Stefano .*Storia della Lingua Italiana* .Roma:Tascabili Economici Newton,Roma,1994

¹ Doutoranda em Letras Neolatinas – Opção: Literatura Italiana – UFRJ E-mail: andreabcabral@yahoo.com.br

² Mestre em Letras Neolatinas – Opção: Língua Italiana – UFRJ - E-mail: fabiolarodrigues@ufrj.br

³ Doutora em Letras Neolatinas – Opção: Língua Italiana – UFRJ E-mail: luciananas@gmail.com

⁴ “A verdadeira questão da gênese da literatura italiana ocupou por muitos anos os estudiosos, em parte porque se sabia que enquanto na França a literatura veio impulsionada da língua vulgar, ou seja, popular, na Itália, a gênese da literatura nasceu dos elementos cultos com reflexões, segundo alguns estudiosos, até mesmo um pouco artificial.” (tradução nossa)

⁵ Nos o vemos, de fato, como um representante exemplar e dominante do grupo romântico da Lombardia, que temos precedência, é a forma mais completa e coerente que representa uma superação de nível ideológico e político que os outros. (tradução nossa)